

Clínicas boicotam planos de saúde

ALEXANDRE ALBUQUERQUE

ENTRE OS ATINGIDOS ESTÃO O DO BANCO DO BRASIL, DA CAIXA E DOS TRIBUNAIS. MINISTÉRIO PÚBLICO BUSCA SOLUÇÃO

Aline Fonseca

As clínicas e hospitais particulares do DF ameaçam suspender os planos de saúde que não estiverem cumprindo corretamente os contratos e reivindicam reajustes nos preços pagos pelos honorários médicos das seguradoras. Há algumas semanas, várias grandes clínicas da cidade começaram um boicote contra planos de autogestão e não estão atendendo pacientes conveniados a eles.

Os principais planos boicotados são o da Cassi (Plano de Assistência do Banco do Brasil), o de Assistência da Caixa Econômica Federal e os planos dos tribunais.

Laboratório Exame e Clínica Villas Boas já suspenderam atendimento de vários convênios de autogestão

Na segunda e quinta-feira, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) reunirá representantes dos planos de saúde (de autogestão e seguradoras), dos médicos e das clínicas particulares do DF para tentar resolver a questão do boicote. O Sindicato dos Médicos está disposto a promover uma paralisação e suspender o atendimento a

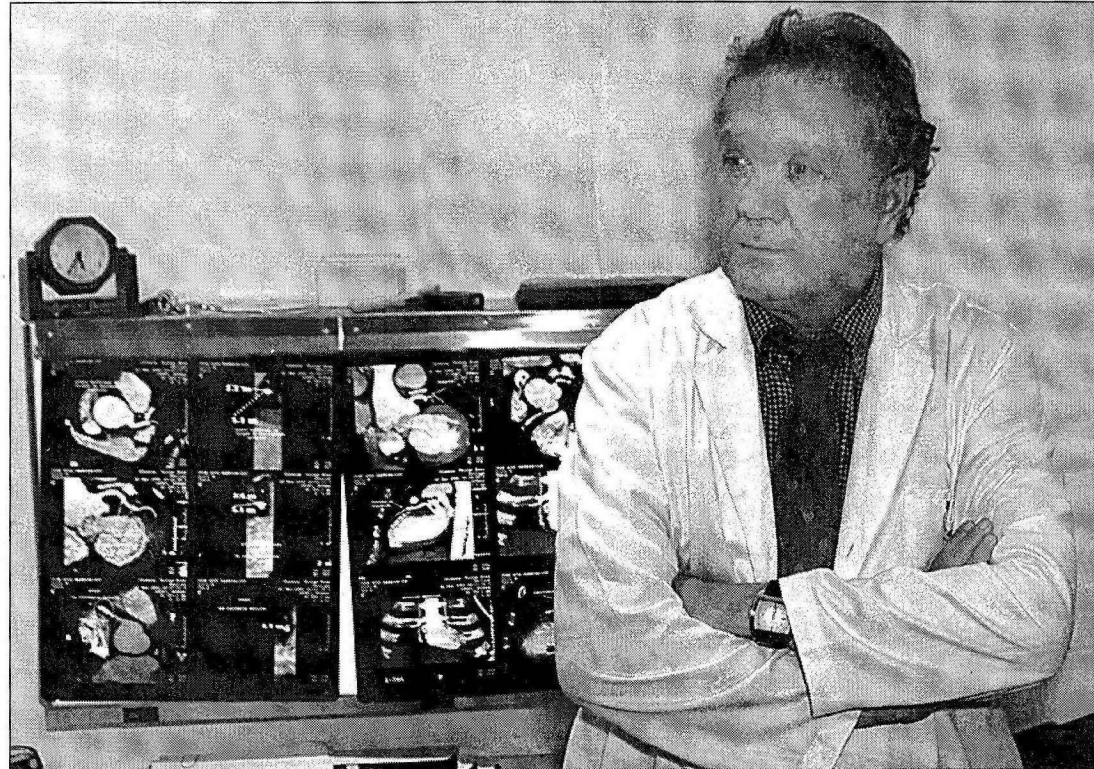
pacientes conveniados caso não haja negociação eficaz.

Hoje existem 70 planos de saúde na cidade, 27 deles são de autogestão e estão sob intervenção do Comitê de Integração de Entidades Fechadas de Assistência à Saúde (Ciefas). Os planos de autogestão não visam lucro, são de empresas públicas e a contribuição dos funcionários é de acordo com o salário.

A queda-de-braço entre planos e clínicas começou quando as principais unidades particulares do DF começaram a suspender convênios. A Associação dos Médicos de Hospitais Privados do Distrito Federal (AMHP-DF) ainda não contabilizou o número de clínicas e hospitais que aderiram ao movimento, mas o presidente,

Joaquim Fernandes, afirmou ser um número "significativo".

Pelo menos duas das principais unidades particulares do DF, a Clínica Villas Boas e o Laboratório Exame, suspenderam vários convênios, a maioria de autogestão. Segundo o presidente da AMHP-DF, há duas questões a serem resolvidas sob a intermediação do MPDFT. A primeira é com relação aos planos de autogestão e a segunda é o reajuste dos planos abertos (seguradoras) com relação ao pagamento de honorários, que não é realizado há oito anos.



TITO MUNDIM, da Clínica Villas Boas: "Principal reivindicação é que cumpram o acordo"

Discórdia está no contrato

De acordo com a associação, está havendo descumprimento do contrato firmado em maio deste ano, também intermediado pelo Ministério Público. "Não estamos discutindo o preço com o grupo de autogestão, mas sim algumas cláusulas do contrato que não estão sendo cumpridas", afirma.

Alguns planos estão atrasados há mais de três meses no pagamento às clínicas e não estão devolvendo as comprovações de atendimentos, essencial para a contagem final. O superintendente do Ciefas no DF, Júlio César Sampaio Silva, afirmou on-

tem que não há boicote e não recebeu ameaças de que planos sejam suspensos.

Sampaio disse que os planos estão seguindo o contrato. "Na questão do atraso dos pagamentos, 99% dos planos de autogestão filiados ao Ciefas estão em dia, mas atrasos nesse momento econômico poderia acontecer e entendemos a situação dos médicos", falou.

Com as seguradoras, o problema é o preço pago pelos honorários. O método de pagamento é pelo coeficiente de honorário, de acordo com os tipos de exame e consultas. Hoje, os planos do Cie-

fas pagam R\$ 0,3287 pelo coeficiente, enquanto as seguradoras pagam de R\$ 0,15 a R\$ 0,29. Uma consulta paga pelo Ciefas custa R\$ 32,87 e pela seguradora entre R\$ 15 e R\$ 20. A ideia é padronizar o preço.

Segundo o presidente da AMPH-DF, a defasagem está causando prejuízos. "Não dá mais para sustentar a situação, já que muitas clínicas pagam exames em dólar", explicou Joaquim Fernandes. O superintendente do Ciefas também é a favor da padronização. "É preciso rever o preço dos outros planos, porque ficaria mais justo".

Sem receber há quatro meses

A primeira unidade particular a suspender planos de autogestão foi a Clínica Villas Boas, há três meses. Uma das maiores e mais tradicionais em exames clínicos, a Villas Boas já perdeu 60% do movimento nesse tempo de suspensão de convênios de saúde, mas incentivou outros hospitais a re-pretirem a atitude.

O diretor da clínica, Tito Mundim, afirmou que não recebe pagamento de alguns planos de autogestão há quatro meses. "Isso não está no contrato, por isso suspendemos", disse. "Todas as vezes que os médicos se reúnem para brigar por melhores preços nos acusam de cartel, mas a principal reivindicação é que cumpram o acordo feito anteriormente", afirmou Mundim.

Segundo ele, a "classe médica" é desunida. "Infelizmente, as pequenas clínicas não vão aderir porque dependem dos planos para sobreviver e isso enfraquece o movimento", disse. "Nós, por exemplo, já demitimos quatro pessoas e se a situação continuar deveremos demitir mais gente no ano que vem, mas conseguimos sobreviver porque somos conhecidos na cidade", disse.

Mundim afirma que problemas com planos de saúde são uma doença crônica no País. "Só se resolveria se houvesse uma atuação mais efetiva e menos burocrática das entidades representativas dos médicos".